



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69  
2017

---

ENCONTRO  
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA  
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

---



# NOVOS DADOS SOBRE POTES ORIENTAIS NA LISBOA RIBEIRINHA

---

Sara Teixeira Simões

Artigo entregue para publicação em Junho de 2013

## **Resumo**

Este artigo terá como principal objectivo dar a conhecer um conjunto artefactual recolhido em intervenções arqueológicas na zona ribeirinha de Lisboa. Trata-se de um conjunto de contentores de possível origem asiática, cuja importação para a Portugal deverá ser compreendida no contexto das novas lógicas de circulação e nas novas dinâmicas económicas da Expansão.

**Palavras-chave:** Contentores, Centros de produção asiáticos, Época Moderna, Contactos comerciais e culturais.

## **Abstract**

The main purpose of this paper is to present a collection of artifacts recovered in varied archaeological contexts from the Lisbon riverside area. The artifacts are a set of containers with a possible Asian origin, whose importation into Portugal must be understood in the context of the new maritime trade routes and new logics of commercial circulation.

**Keywords:** Containers, Asian pottery production centers, Early-Modern Age, Commercial and cultural contacts.

## 1. INTRODUÇÃO

Após a descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498, quando, no ano de 1511, os portugueses se instalaram em Malaca, abriram-se as rotas para o Extremo Oriente e Insulíndia (Lobato, 2000, p.25), passando a assegurar ligações directas entre a Índia e a China. Abriu-se a navegação à costa do Coromandel, ao Golfo de Bengala, às costas da Birmânia, nomeadamente o Reino do Pegu, ao Sião, ao Camboja, às Ilhas Molucas e à Indonésia (Magalhães, 1998, p.74). Garantiram, assim, o acesso directo aos portos onde se aglutinavam os produtos provenientes de áreas marítimas, bem como dos locais de produção do interior.

A partir do século XVI Lisboa viveu um período de forte crescimento populacional e de volume de mercadorias que entravam e saíam do seu porto. Na sequência do aumento do comércio ultramarino, foi para a zona ribeirinha da cidade que se deslocou o núcleo do poder económico e político. Alvo de um programa de obras públicas, aí se instalaram as grandes estruturas comerciais, tornando-se esta área debruçada sobre a margem do Tejo, a zona de grande dinâmica económica e social de Lisboa.

E se foi possível assistir à transformação do mapa-mundo num espaço de ligação constante entre as diferentes áreas continentais, foi sobretudo pelas novas dinâmicas estabelecidas ao nível comercial, nomeadamente entre a Europa e a Ásia. Neste contexto, os vestígios materiais constituem importantes testemunhos das lógicas de circulação e, consequentemente, das transformações que ocorreram nas sociedades.

Neste artigo iremos apresentar um conjunto de potes de produção oriental, exumados em contextos arqueológicos da área ribeirinha de Lisboa.

Constituem, por ora, achados esporádicos e um conjunto numericamente reduzido. Contudo, embora surjam, aparentemente, de forma pontual e pouco sabemos ainda sobre estas peças, elas constituem uma realidade dos contextos ribeirinhos modernos. De facto, com o avanço dos trabalhos arqueológicos e o crescente interesse sobre a ar-

queologia de época moderna, temos vindo a constatar uma maior presença de potes de produção oriental nos contextos lisboetas.

Assim, pretende-se ao longo destas páginas, dar a conhecer algumas das peças que se podem incluir num conjunto designado genericamente de “potes orientais”.

## 2. O CONJUNTO ARTEFACTUAL

O espólio que aqui tratamos constitui um conjunto bastante heterogéneo, caracterizando-se por uma difícil identificação, em parte por poucos exemplares terem sido ainda dados à estampa. Por um lado, a própria designação de “potes orientais” abarca um conjunto bastante distinto a nível formal, decorativo, técnico e de materiais de fabrico. Por outro, compreendem peças produzidas num espaço geográfico e cronológico bastante alargado, acerca do qual ainda dispomos de dados e informações reduzidos.

O conjunto em análise foi exumado em 6 intervenções arqueológicas, a maioria das quais, intervenções de emergência. Dão-se a conhecer ainda dois fragmentos provenientes de uma recolha de superfície (Figura 1).

### 2.1. Intervenção arqueológica no Mandarim Chinês

Na 1ª fase da intervenção arqueológica realizada no Mandarim Chinês (Rua Augusta nº 137 a 145 e Rua dos Sapateiros nº 82 a 86) levada a cabo entre Outubro de 1992 e Janeiro de 1993 pelo Departamento de Arqueologia do IPPAR, foram recolhidos 41 fragmentos pertencentes a um pote cujos paralelos formais indicam tratar-se de produções chinesas, tailandesas e do Sião (Figura 2).

Trata-se de um contentor de forma ovóide, com 45 cm de altura, bordo extrovertido e colo baixo. Conserva ainda 2 das 4 asas horizontais e de secção oval, aplicadas na zona superior do bojo e apresenta fundo plano, bastante irregular. Foi fabricado numa pasta de cor avermelhada, muito compacta e homogénea. As superfícies externas apresentam vestígios de vidro amarelo leitoso, muito baço, parecendo



Figura 1 – Localização das intervenções arqueológicas de onde provém o conjunto artefactual apresentado: 1 – Mandarin Chinês; 2 – Largo do Chafariz de Dentro; 3 – Rua da Madalena; 4 – Rua do Jardim do Regedor; 5 – Largo dos Trigueiros; 6 – Recolhas de superfície, Ribeira das Naus; 7 – Largo do Terreiro do Trigo.

aguada. Na zona superior do bojo apresenta um conjunto de 1 canelura e 5 incisões. A peça foi sujeita a cozedura em ambiente redutor e arrefecimento em ambiente oxidante.

Não foi recolhido *in situ*, embora integre um conjunto de espólio proveniente de duas antigas vias modernas, a antiga Rua das Esteiras e a Rua ou Beco dos Cabriteiros, remetendo-nos para datações desde o século XVII até à Época do Terramoto de 1755.

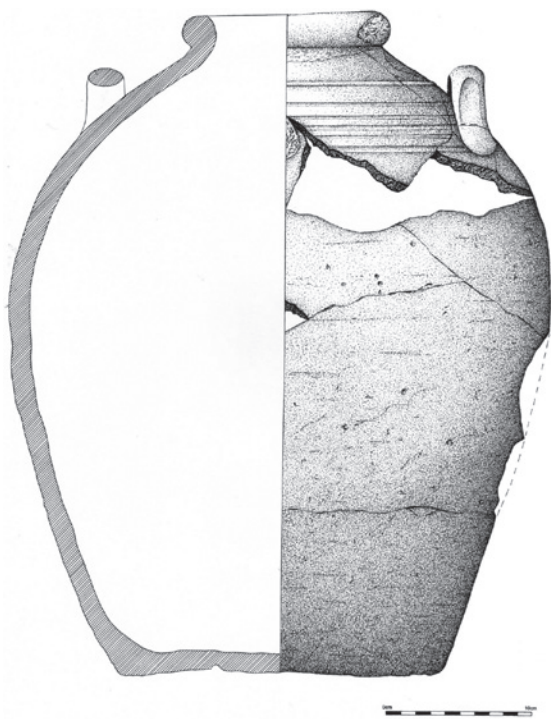


Figura 2 – Pote oriental proveniente da intervenção arqueológica realizada no Mandarin Chinês, Rua Augusta, Lisboa.

Na colecção do Museu Municipal de Peniche (Simões, 2009, Estampa 42), foi identificado um pote semelhante a nível formal, ainda que apresentando um vidrado castanho-esverdeado, brilhante. Recolhido na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz e pertencente à colecção museológica da Câmara Municipal de Cascais, foi identificado um fragmento de pote (correspondendo a bordo, colo, início do bojo e quatro asas) também com paralelismo formal (Simões, 2009, Estampa 43). Não existe registo de proveniência de nenhum dos exemplares.

É, contudo, em colecções recuperadas em sítio de naufrágio associados a contextos de navegação transoceânica ou inter-asiática que se regista o maior número de peças semelhantes e que nos oferecem cronologias mais precisas.

De referir, o galeão português *São João*, naufragado em 1552 na costa sul de Natal (Maggs, 1984, fig.11); o navio *São Bento*, naufragado em 1554 na costa Pondoland (Auret, Maggs, 1982, fig.36), possivelmente vindo da China; o naufrágio na Ilha

Phu Quoc, Vietname (Blake, Flecker, 1994, fig.16), onde foi recuperada uma peça de provável produção tailandesa (fornos de Mae Nam Noi, província de Singburi), com uma cronologia bastante lata, situada entre os séculos XIV e XVIII; ou o naufrágio de uma embarcação portuguesa do século XVI, ao largo das Ilhas Seycheles (Blake, Green, 1986, fig.15), sendo a Tailândia o local de origem atribuído. Também no navio da V.O.C. *Risdam*, que naufragou na Malásia em 1727 (Green, 1986, fig.16) existem paralelos associados a produções do norte e centro da Tailândia, com uma cronologia de produção que aponta para o século XVI e no *San Diego*, exemplares identificados como produções de Bang Rachan, província de Singburi, Sião, século XVII.

## 2.2. Intervenção arqueológica no Largo do Chafariz de Dentro

Em 2007 e 2008, a renovação do sistema de tratamento de águas residuais de Lisboa ditou a necessidade de levar a cabo uma intervenção arqueológica no Largo do Chafariz de Dentro, em Alfama, pela equipa do Museu da Cidade.

Em contextos quinhentistas e de inícios do século XVII, integrados num conjunto de produções do Extremo Oriente dentro do qual se identificou um número significativo de porcelanas da dinastia Ming e três fragmentos de celadon da China (Silva, Miranda, Vieira, Vicente, Lopes, Nozes, 2012, p.75), foram recolhidos 18 fragmentos de bojo. As pastas e vidrados remetem-nos para peças de produção oriental, embora não nos seja possível enquadrá-los numa forma tipológica, nem atribuir-lhe um centro produtor ou local de origem.

Contudo, neste conjunto (Simões, 2009) foi possível distinguir elementos que nos permitem identificar alguns fragmentos como pertencentes a potes martabã, designadamente, um arranque de asa, horizontal e aplicada, bem como dois fragmentos com decorações constituídas por aplicações plásticas, correspondendo a caneluras verticais (Figura 3).

Como habitual nestas produções, as pastas são bastante compactas e caracterizam-se pelas tonalidades cinzentas, onde é possível distinguir elemen-

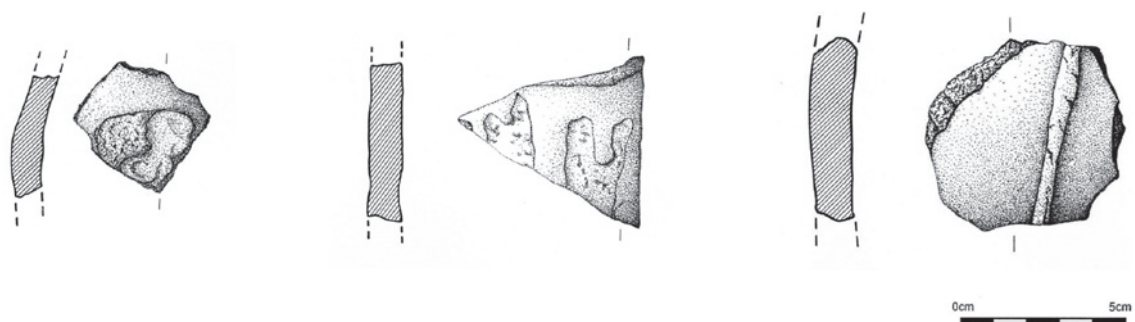


Figura 3 – Fragmentos de possíveis potes martabã da intervenção arqueológica do Largo do Chafariz de Dentro, Alfama (LCD/08, Inv.15, LCD/07, Inv.3, LCD/08, Inv.16).

tos não-plásticos como óxidos de ferro e elementos quartzosos. São grés siliciosos, muito resistentes e impermeabilizantes.

### 2.3. Intervenção arqueológica na Rua da Madalena

Dois outros fragmentos de martabã, um correspondendo a fragmento de parede (Figura 4) e outro contendo parte do bordo, bojo e arranque de asa (Figura 5), foram recuperados na intervenção arqueológica realizada em 2012 nos nº 25 e 31 da Rua da Madalena, na Baixa Pombalina.

Os fragmentos foram exumados em contextos de construção pombalina do edificado, remetendo-nos para cronologias enquadráveis na 2ª metade do século XVIII.



Figura 4 – Fragmento de pote martabã proveniente da intervenção arqueológica da Rua da Madalena, Baixa Pombalina, Lisboa.

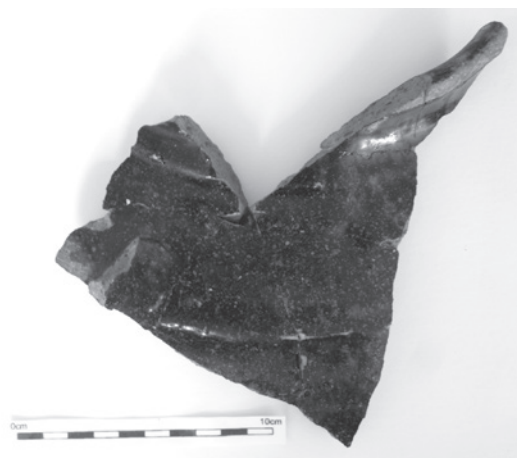
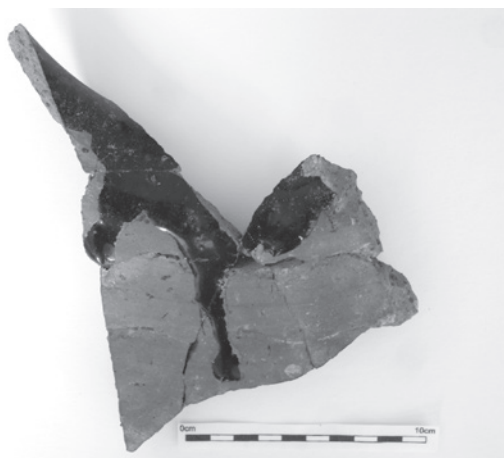


Figura 5 – Fragmento de pote martabã proveniente da intervenção arqueológica da Rua da Madalena, Baixa Pombalina, Lisboa.

Foram fabricados com uma argila cinzenta rosada, muito compacta, homogénea, bem depurada, apresentando estrias de modelação ao torno. As peças terão sido sujeitas a cozedura e arrefecimento em ambiente oxidante. O fragmento de parede apresenta em ambas as superfícies uma camada vítrea castanha. Na superfície exterior apresenta sobre esta primeira camada, escorrências de vidrado, bastante espessas. Dada a enorme concentração de vidrado, estas mesmas escorrências apresentam uma tonalidade castanha bastante escura.

Outra característica destes contentores são os vidrados castanhos e negros, quando aplicados em maior quantidade. É habitual a existência de escorrências resultantes da aplicação do vidrado, orientado do topo para a base da peça. Por esta razão, pensamos que os fragmentos recolhidos na Rua da Madalena possam corresponder à mesma peça.

O fragmento de bojo apresenta na superfície exterior um vidrado castanho, bastante espesso, sendo que a grande concentração de vidrado lhe

oferece uma tonalidade quase negra. As superfícies internas apresentam escorrências de vidrado, bastante espesso.

#### **2.4. Acompanhamento arqueológico na Rua do Jardim do Regedor**

Também durante o acompanhamento arqueológico realizado em 2011 nos nº 10 a 30 da Rua do Jardim do Regedor, freguesia de Santa Maria Maior (antiga freguesia de Santa Justa) em Lisboa, foram recolhidos alguns fragmentos de martabã. Os exemplares foram recolhidos em unidades estratigráficas correspondentes a entulhos, nos quais se identificaram materiais do século XVI e XVII.

Foram exumados 2 fragmentos correspondendo a bojo e 1 correspondendo a bojo e asa, horizontal e aplicada, sendo possível reconhecer a marca da pressão exercida pelo oleiro ao aplicar a asa (Figura 6). Abaixo deste elemento, apresenta ainda um conjunto de quatro caneluras, característico dos potes martabã.



Figura 6 – Fragmento de pote martabã proveniente do acompanhamento arqueológico na Rua do Jardim do Regedor, Baixa Pombalina, Lisboa.

Os dados arqueológicos e as peças pertencentes a colecções museológicas indicam que estes contentores terão chegado a Portugal sobretudo num período situado entre meados do século XVI e meados do século XVII.

A nível formal, técnico e decorativo, encontramos paralelos nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga (Simões, 2012, fig.1; Simões, 2009, Estampa 40), do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (Simões, 2012, fig.8) e da Câmara Municipal de Cascais (Simões, 2009, Estampa 44), sendo que nenhum destes exemplares oferece dados de contextualização.

Habitualmente, a produção de potes martabã é associada ao Sudeste Asiático, mais concretamente ao Porto de Martabão, na Birmânia (actual Myanmar, Reino do Pegu) e à Tailândia.

Foram identificados diversos paralelos formais em conjuntos exumados em naufrágios, nomeadamente na já referida *Nossa Senhora dos Mártires* (Simões, 2012, fig.7, fig.10, 11, 12), nos destroços do *Witte Leew*, naufragado no ano de 1613 (Pijl-Ketel, 1982, pp.226-227) e no *San Diego* (Dupizat, 1994, pp.234-235), com prováveis origens no Pegu ou zonas mais setentrionais.

## 2.5. Intervenção arqueológica no Largo dos Trigueiros

Entre 2010 e 2011, durante as *Obras de extensão das instalações da Junta de Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço, Largo dos Trigueiros – Lisboa* foram levados a cabo trabalhos de escavação arqueológica no Largo dos Trigueiros (Pátio do Linheiro, nº 10) localizado no bairro histórico da Mouraria.

No decorrer dos trabalhos, a cargo da empresa *Neoépica*, foram recolhidos 4 fragmentos de bojo e um fragmento de asa (Figura 7), sendo que as suas características nos levam a pensar pertencerem a um mesmo pote.

Todos os exemplares foram fabricados numa pasta branca-amarelada, compacta, bem depurada, com poucos elementos não-plásticos, verificando-se a presença de alguns óxidos de ferro de pequenas dimensões.



Figura 7 – Fragmentos de pote oriental provenientes da intervenção arqueológica no Largo dos Trigueiros, Mouraria, Lisboa.

As superfícies exteriores apresentam um vidro melado, aderente e brilhante, aplicado em camadas vítreas pouco espessas.

O fragmento de asa, corresponde a um tipo de asas em *carranca*, aplicadas, feitas a molde e que nos remetem para representações chinesas de *Cão de Fo*. Este tipo de asa revela-se bastante frágil, com pouca capacidade de suporte de peso, muito possivelmente, desempenhando funções decorativas.

Se os exemplares exumados nas intervenções arqueológicas realizadas no Mandarin Chinês, Largo do Chafariz de Dentro, Rua da Madalena ou Rua do Jardim do Regedor apresentam características formais que nos permitem reconhecê-los como contentores, cuja principal função seria utilitária, os fragmentos recolhidos no Largo dos Trigueiros parecem enquadrar-se num conjunto de peças cujas funções seriam decorativas.

Seriam objectos adquiridos por um determinado grupo sócio-económico? E poderá ser esta uma explicação para a disparidade registada relativamente ao número de exemplares que surgem em contextos arqueológicos e aqueles que estão presentes, sobretudo, em colecções museológicas?

Os fragmentos de bojo do Largo dos Trigueiros apresentam decorações incisas, feitas após a aplicação do vidrado. Embora sejam fragmentos de reduzidas dimensões, é possível identificar a representação de um dragão (corpo e escamas), nuvens

e motivos geométricos. Estas temáticas decorativas identificadas nos exemplares do Largo dos Trigueiros, encontram paralelos em representações datadas da Dinastia Ming (China, 1368-1644), mais concretamente do Reinado de Wanli (1573-1619).

Conhecem-se apenas paralelos formais em contextos museológicos, nomeadamente a colecção existente no Museu Nacional de Arte Antiga – Lisboa (Simões, 2009, Estampa 33, 36, 37 e 38), sendo de referir a importância deste conjunto, na medida em que constituem os primeiros exemplares identificados em contextos arqueológicos portugueses.

Quanto aos contextos de exumação, os fragmentos foram recolhidos em unidades estratigráficas que revelaram contextos artefactuais dos finais do século XVI – século XVII, num conjunto onde se destacam as cerâmicas comuns, as faianças portuguesas e as peças de importação, como as majólicas italianas ou as porcelanas chinesas.

## 2.6. Intervenção arqueológica no Largo do Terreiro do Trigo

Em 2010, durante a escavação arqueológica conduzida pela empresa *Crivarque* na Rua do Terreiro do Trigo, associada ao acompanhamento de obra da SIMTEJO “Sistema de intercepção do Largo do Chafariz de Dentro à estação elevatória da Estação Fluvial, 2ª fase”, foi recolhido um fragmento de bojo e asa de pote martabã (Figura 8).

As superfícies estão revestidas a vidro negro, bastante espesso. O fragmento pertence a um exemplar fabricado numa pasta de cor branca-amarelada, compacta e com vacúolos. A asa é horizontal e aplicada.

A peça foi recolhida durante a escavação mecânica da área CVM-RTT, onde foram identificados níveis de aterro datáveis do século XVI.

## 2.7. Recolhas de superfície, Rio Tejo

Junto ao Tejo, na zona da Ribeira das Naus, foram recolhidos dois fragmentos de cerâmica: um fragmento de fundo, possivelmente de martabã, e um fragmento de parede de pote dito *tradescant* (Figura 9). Este último fragmento encontrava-se bas-

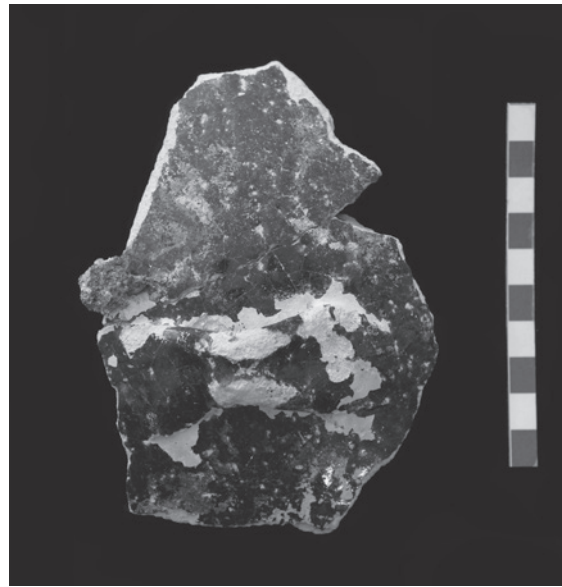


Figura 8 – Fragmento de possível pote oriental proveniente da intervenção arqueológica na Rua do Terreiro do Trigo, Alfama, Lisboa.



Figura 9 – Fragmento de pote tradescant, recolha de superfície, Ribeira das Naus, Lisboa.

tante rolado, apresentando vestígios de decoração com motivos vegetalistas em relevo e revestido a verde e amarelo.

Os *tradescant* caracterizam-se pelas superfícies exteriores completamente decoradas e revestidas por vidro amarelo plumbífero, verde e beringela. São decorações em relevo, com temáticas que nos remetem para tradições chinesas, como painéis de

lótus, cabeças de ruyi, motivos espiriformes constituídos por folhagens a cercar peónias em flor e motivos zoomórficos.

São produções frequentemente associadas a contextos de naufrágios datáveis de finais do século XVI e inícios do século XVII.

Conhecem-se alguns paralelos provenientes de naufrágios de finais do século XVI e inícios do século XVII, nomeadamente na *Nossa Senhora dos Mártires* (Coelho, 2008, pp.78-81), *Nossa Senhora da Luz* (Bettencourt, 2008, pp.127-128) e *San Diego* (Dupoizat, 1994, pp.244-245).

### 3. SÍNTESE FINAL

Os vestígios de contentores atribuíveis a oficinas e centros produtores asiáticos surgem ainda em número reduzido nos contextos arqueológicos portugueses. Talvez a sua importação fosse mais frequente do que os dados actuais nos parecem indicar, contudo, por se tratar de espólio de origem exógena e ainda pouco divulgado, nem sempre terá recebido grande foco no decorrer das intervenções.

Pensamos que a sua chegada a Portugal não seria uma realidade tão evidente como a de outras cerâmicas orientais, como as porcelanas chinesas. No entanto, no decurso das últimas intervenções, a identificação de potes orientais tem-se vindo a tornar mais frequente nos contextos arqueológicos lisboetas.

Foi em 1998, com a identificação da presumível nau da Índia *Nossa Senhora dos Mártires*, que o estudo destas produções ganhou alguma visibilidade em Portugal. Até essa data, as colecções conhecidas pertenciam a museus de arte, a antiquários e coleccionadores, levando à elaboração de um quadro de conhecimento acerca destas peças bastante frágil, pouco fiável e não ilustrativo das realidades quotidianas em que deverão ser inseridos, interpretados e compreendidos.

Produzidas em regiões dos Oceanos Pacífico e Índico, terão chegado à Europa por via marítima a partir do século XVI. São objectos produzidos em áreas geográficas sobre as quais o conhecimento chega ainda de forma bastante lacunar e escas-

sa, pelo que se torna tarefa difícil a de atribuir a cada peça um centro produtor ou local de origem.

Do mesmo modo, desconhecemos a evolução tipológica destas produções no decorrer dos diferentes séculos, embora saibamos que a produção de contentores como os martabãs continue a existir actualmente. São peças que denotam uma grande previvência formal, com características similares às que registamos nos contextos arqueológicos de época moderna, produzidas através das mesmas técnicas e que continuam a chegar a Portugal, nomeadamente através do mercado de antiguidades.

Por outro lado, as cronologias que temos referem-se sobretudo a datações de naufrágio ou utilização nos contextos europeus. Quanto aos centros produtores e cronologias de fabrico, não temos dados suficientes que nos permitam atribuir cronologias e origens finamente comprovadas.

Os dados de contexto que obtivemos, como referido ao longo do texto, correspondem na sua maioria a cronologias situadas entre meados do século XVI e meados do século XVII, período mais intenso de contacto comerciais, prolongando-se, em alguns casos, até ao século XVIII. Os paralelos formais identificados apontam, sobretudo, para um período balizado entre o século XV e XVII.

Tratando-se de um estudo ainda recente, são muitas as questões que permanecem por responder. As fontes coevas, como sejam os relatos de viagens, as listas alfandegárias ou os manifestos de carga, constituem importantes instrumentos na procura de resposta a essas questões, sendo, contudo, limitados.

Alguns desses relatos de viagens, referem-se à utilização de martabãs e jarras vidradas como contentores de armazenamento de líquidos, conservas e outros víveres durante as viagens ultramarinas, mas que volume representaria o transporte destes contentores nas cargas das naus que navegavam para Portugal? Segundo alguns relatos de viajantes, os grandes potes trazidos dos portos asiáticos correspondiam a objectos pessoais da tripulação, memórias das andanças ultramarinas.

E que funções desempenhavam nos quotidianos dos habitantes da cidade? Quem adquiria e

utilizava estas peças? Qual o seu valor económico e simbólico? Eram elementos de prestígio e distinção social, ou acessíveis à maioria da população? Acreditamos que muitos destes objectos continuariam a desempenhar funções utilitárias nos contextos portugueses, outros porém, pela sua profusão decorativa e características técnicas pouco eficazes se destinados ao armazenamento, terão desempenhado sobretudo funções decorativas e simbólicas. Será importante, em investigações futuras, identificar de forma mais precisa como se expõem estas produções nos contextos de exumação, nomeadamente nos espaços domésticos.

Reflexo dos encontros culturais que marcaram o período de expansão marítima a partir do século XVI, a resposta às questões aqui levantadas dependerá de uma continuação do estudo destas produções, não só nos contextos arqueológicos portugueses e europeus, como nos seus locais de origem, portos e centros oleiros asiáticos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os colegas que nos têm vindo a disponibilizar o espólio para estudo.

## BIBLIOGRAFIA

AURET, C., MAGGS, T. (1982) – The Great Ship São Bento: remains from a mid-sixteenth century Portuguese wreck on the Pondoland coast. In *Annals of the Natal Museum*. Vol. 25 (1).

BETTENCOURT, J. A. (2008) – A *Nau Nossa Senhora da Luz (1615) no contexto da Carreira da Índia e da Escala dos Açores: uma abordagem histórico-arqueológica*. Texto policopiado.

BLAKE, W., FLECKER, M. (1994) – A preliminary survey of a South-East Asian wreck,

Phu Quoc Island, Vietnam. *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*. Volume 23, Number 2. London and New York: Council for Nautical Archaeology.

BLAKE, W., GREEN, J. (1986) – A mid-XVI century Portuguese wreck in the Seychelles. *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*. Volume 15, Number 1. London and New York: Council for Nautical Archaeology.

COELHO, I. D. P. (2008) – *A cerâmica oriental na Carreira da*

*Índia no contexto da carga de uma nau – a presumível nau Nossa Senhora dos Mártires*. Texto policopiado.

DUPOIZAT, M. (1994) – Les jarres asiatiques en grès. In *San Diego. Un trésor sur la mer*. Paris: Réunion des Musées Nationaux.

GONZALEZ, C. (2012) – Os novos espaços da cidade moderna: uma aproximação a Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume I. Lisboa. Centro de História de Além-Mar.

GONZALEZ, C. (2012) – Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa). *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume I. Lisboa. Centro de História de Além-Mar.

GREEN, J. N. (1986) – The Survey of the VOC *fluit Risdam* (1727), Malaysia. *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*. Volume 15, Number 2. London and New York: Council for Nautical Archaeology.

LOBATO, MANUEL (2000) – Malaca. *História dos Portugueses no Extremo Oriente. De Macau à Periferia*. 1º Volume, Tomo II. Direcção de A. H. de Oliveira Marques. Fundação Oriente.

MAGALHÃES, J. R. (1998) – *Portugueses no Mundo do Século XVI, espaços e produtos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

MAGGS, T. (1984) – The Great Galleon São João: remains from a mid-sixteenth century wreck on the Natal South Coast. *Annals of the Natal Museum*. Vol. 26 (1).

*Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem* (1998). Lisboa: Pavilhão de Portugal, Expo'98, Editorial Verbo.

SILVA, R. B., GUINOTE, P. (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos, Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa.


SILVA, R. B., MIRANDA, P., VIEIRA, V. N., VICENTE, A. M., LOPES, G. C., NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro – Alfama em época moderna. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume I. Lisboa. Centro de História de Além-Mar.

SIMÕES, S. (2009) – *Os potes martabã – contributo para o seu conhecimento*. Texto policopiado. Mestrado em Arqueologia. FCSH-UNL.

SIMÕES, S. (2012) – Os potes “martabã”: um conceito em discussão. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume II. Lisboa. Centro de História de Além-Mar.

SIMÕES, S. (2015) – A brief study concerning martaban jars, “Maritime Contacts of the Past: Deciphering connections amongst communities”, in *Maritime Archaeology*, Volume I, Delta Book World, New Delhi.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863–2019

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)